

FORMAÇÃO 2018

Ed. Infantil

08/03 manhã

Pnaic 
UFSCar

Cronograma segundo encontro

Manhã

Leitura.

Leitura Literária.

Infância e linguagem.

Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil.

Tarde

Leitura.

Jogos e brincadeiras: a articulação entre a língua materna, linguagem matemática e cultura.

Oficina.

Leitura literária entre professores e crianças

Vamos refletir:

Que relação nós, professores, estabelecemos com a leitura e a escrita na nossa vida cotidiana?



[...] o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior que nós professores também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também.
(LAJOLO, 1994, p. 16).

A leitura nos cursos de formação.

A literatura como pretexto para ensino de conteúdos.

linguagem



texto



leitor

composição de
palavras, frases,
estruturas

codificar
compreender

interpretação
extrapola os
limites do texto.
Posicionamento

Muitos professores brasileiros caracterizam-se como leitores escolares (BATISTA, 1998; 2007).

Há quanto tempo vocês terminaram a leitura de um livro de literatura?

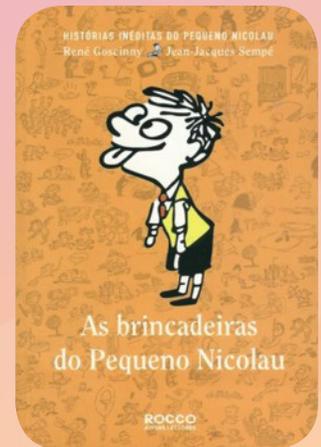
Quantas de vocês estão lendo um livro de literatura atualmente?

Não há receita para a formação de leitor, mas processos de formação que refletem na escola.

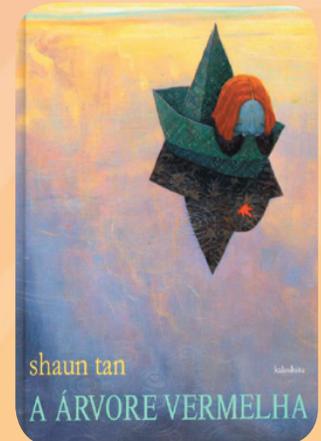
- Projetos: UFRJ e UFMG

Projeto: Encontros de Professores para Estudos de Letramento, Leitura e Escrita (EPELLE/UFRJ)

As brincadeiras do Pequeno Nicolau
(René Goscinny e Jean-Jacques Sempé)
Referências com outras realidades e passagem
para o nosso contexto.



A árvore vermelha (Shaun Tan)
Imagens fortes expressando sentimentos
nem sempre traduzíveis.



Projeto: Tertúlia Literária - Grupo de Pesquisa e Estudos sobre o Letramento Literário, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG (GPELL/CEALE/FaE/UFMG)

Tertúlia: agrupamento.

“Quem lê também tem muito a dizer”.

Processo dialógico – compartilhando.

Comunidades de aprendizagem - UFSCar

Projeto: Tertúlia Literária - Grupo de Pesquisa e Estudos sobre o Letramento Literário, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG (GPELL/CEALE/FaE/UFMG)

Como funciona?

- Encontros mensais
- fóruns entre os encontros
- Temáticas

Em 7 anos de projeto:

- Formação de professores fraca;
- Uso inadequado na escola;

Não há o objetivo de transpor a experiência para a escola.

A convivência com a literatura pode ser uma porta para o entendimento do mundo ainda a ser explorado.
(caderno 1, p.116)



Infância e linguagem

Ouvir a criança!

O encontro da infância com a linguagem.

Qual o papel do adulto na subjetividade.

Mas...

O que é linguagem?

Como a linguagem e a infância estão entrelaçadas?

Como experimentar junto com as crianças o fato de que falamos e de que a linguagem, em sua origem, é pura expressão?

A criança participa da criação da cultura através do uso da criatividade da linguagem.

Na abordagem teórica baseada em Vygotsky, é na linguagem e pela linguagem que a criança se constitui para si, para o outro e para o mundo da cultura.

As ideias de Bakhtin apontam para uma compreensão de linguagem que tem como base o uso que dela fazemos na vida cotidiana, além de considerá-la o principal elemento na constituição do sujeito, da história e da cultura.

As crianças não recebem a língua materna pronta para ser usada, mas, ao nascer, penetram na corrente da comunicação verbal, e é nela e por meio dela que ocorre o despertar de sua consciência para os usos da linguagem (caderno 2 , p.21)

Diálogo entre André (cinco anos), Rafaela (seis anos) e um adulto (Solange).

Rafaela: – Meu pai gosta de ler livro de música. Meu pai é cantor. Está lá na Espanha. Deu uma boneca espanhola pra mim. Minha mãe trabalha no Hospital Souza Aguiar (com certo ar de orgulho sobre o que diz).

Solange: – E seu pai, André, trabalha em quê?

André: – É... (hesitante) Numa fábrica.

Solange: – Numa fábrica! De que, André, você sabe?

André: – De chicletes. (Entusiasmado, André continua) Cada dia ele traz quatro caixas pra mim.

Solange: – E sua mãe, André, também trabalha fora?

André: – Trabalha... (Pausa) Numa fábrica de brinquedos. Minha mãe traz todo dia quatro caminhões pra mim. Ela trabalha sábado e domingo. Quando minha mãe chega do trabalho, ela me leva em quatro cinemas. Já vi *Trapalhões*, *Rambo III*...

Rafaela: – (Com ar de desdém, duvida das palavras de André) Hi! *Rambo III* não podia entrar nem criança!

Gabriela, 9 anos, relatando um fato com a amiga.

Um dia, eu estava fazendo pipoca com uma amiga lá em casa. Aí eu falei para minha amiga: – Essa pipoca que eu estou fazendo é gostosa e barata. Aí minha amiga falou: – Eu não gosto de barata. Aí ele entrou no elevador e tinha uma barata no elevador. Bem feito!

Pedro, 4 anos, conversando com Solange.

Solange: – Mas eu queria te fazer mais uma pergunta.

Pedro: – Qual é?

Solange: – Como é tua escola?

Pedro: – Isso é difícil de explicar, não dá pra explicar.

Solange: – Mas você gosta da escola?

Pedro: – Às vezes sim, às vezes não.

Solange: – Qual vez você gosta da escola?

Pedro: – Qualquer vez eu gosto, qualquer vez eu não gosto.

Solange: – Mas o que na escola você gosta?

Pedro: (interrompendo) – Agora vamos gravar as músicas!

Solange: – Mas o que você gosta?

Pedro: – Isso que eu falei. Mas vamos gravar as músicas.

Complexidade da relação de pensamento e palavra.

Quanto mais a criança fala e expressa suas ideias, tanto melhor as formula para si própria no interior do seu pensamento e, conseqüentemente, para o outro. (caderno 2, p. 25)

O professor como mediador:

- Ter responsabilidade ao se dirigir à criança.
- Ir para “fora do tema” para enxergar a criança.
- Ouvir e dar voz.

Vejamos mais um exemplo:

Diálogos ocorridos entre quatro crianças e um adulto (Juan, de cinco anos; Elaine, de cinco anos; Ailton, de seis anos; Renato, de seis anos). Essas crianças, na época em que foram feitas estas observações, frequentavam uma pré-escola comunitária, situada numa favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. (caderno 2, p. 26)

A visão da escola com expressão diferentes.

Solange: – Vocês gostam de vir aqui?

Juan: – Gosto. Porque a gente aprende tudo.

Elaine: – A ler, a desenhar, brincar, aprender.

Juan: – Aprende a não fazer bagunça.

Solange: – E quando vocês fazem bagunça, o que acontece?

Juan: – A tia fala com nós. Com o Ailton e com o Renato ela grita, com nós não.

Elaine: – Quando ela fala, a gente atende.

Solange: – A tia colocou vocês de castigo alguma vez?

Juan: – Não. Só o Ailton e o Renato.

Elaine: – Eles fazem muita bagunça. Se não botar eles de castigo, eles ficam batendo em todo mundo.

Juan: – A tia não é boa com eles não.

Solange: – Ela é boa com quem?

Juan: – Com a gente. Porque a gente não faz bagunça.

Elaine: – Se o Ailton ficasse bom como a gente, ele não ia ficar de castigo, mas como ele é ruim, bota de castigo.

Juan: – Eu gosto de todo mundo daqui, menos do Ailton e do Renato.

Elaine: – Ninguém vai gostar deles dois.

Juan: – Quando ele ir pra outra escola, só vai aprender a rabiscar.

Elaine: – Eles têm que ir para o colégio interno.

Solange: – Vocês gostam de vir aqui?

Renato: – Gosto. Porque a escola é muito bom. Porque dá brinquedo pra mim. No dia do Papai Noel, dá tudo pra gente.

Ailton: – Por isso a gente gosta. Porque o Papai Noel vem aqui.

Renato: – Por causa dos palhaços daqui.

Solange: -E o que vocês gostam de fazer na escola?

Renato: – Ué! Brincar.

Ailton: – Gosto de fazer comida!

Renato: – A gente gosta de varrer a sala.

Ailton: – Pra nossa sala ficar bonita. Tudo o que ela mandar eu faz.

Solange: – Você gosta de escrever?

Ailton: – Eu gosto de ir pra outro lugar.

Solange: – Que outro lugar?

Ailton: – Aqui nesse morro vai cair tudinho. Lá no prédio é que não cai, né? O prédio tem uma força, né?

Solange: – Você quer ir morar onde?

Ailton: – Eu quero morar no Rio Sul (se referindo ao *shopping* Rio Sul, que pode ser visto do alto da favela onde habita).

Solange: – Por quê?

Ailton: – Porque no morro a casa fica caindo quando chove. A chuva danada derrubou o barraco do meu pai.

Renato: – Minha casa é de tijolo. A minha não cai não.

Ailton: – Eu vou morar em Caxias, porque minha mãe, minha mãe... minha casa está podre.

Linguagem Oral e Linguagem Escrita na Educação Infantil: Práticas e Interações

Crianças e cultura escrita.

As diferentes formas de linguagem desde o início da humanidade.

Surgimento da escrita, indícios do século IV a.C.

Escrita alfabética, século II a.C.

No Brasil...

Imprensa e escola recentes, século XIX.

Analfabetismo não era um problema social.

Oratória era valorizada.

1º Censo em 1872 – 80% analfabetos.

Diferentes significados ao longo da história.

Vilas/pequenas cidades.

Grandes cidades.

Cultura Escrita

Definição não consensual.

“culturas escritas” (CHARTIER, 2002)

“culturas do escrito” (GALVÃO, 2010)

Exemplo professor de grande cidade e moradores do campo. (caderno 3, p.18)



Provavelmente você já viu ou já ouviu falar de crianças que, mesmo antes de aprender a falar (e a escrever), conseguem manipular com desenvoltura um tablet ou um celular. Essas pequenas cenas cotidianas expressam o quanto a cultura é dinâmica, o quanto os sujeitos produzem cultura e os valores e significados que são historicamente atribuídos ao oral, ao digital e ao escrito nas nossas sociedades contemporâneas. (caderno 3, p.20)

Cultura escrita, alfabetização, letramento e oralidade: relações

Alfabetização – apropriação de outra linguagem.

Letramento – usos sociais da leitura e escrita.

Oralidade – “leitura intensiva”

Cultura escrita e relações de poder

Diversos grupos, necessidades e interações.

Nas sociedades contemporâneas, as pessoas e os grupos sociais são hierarquizados material e simbolicamente – por seu pertencimento étnico-racial, de classe, de gênero; por sua origem geográfica (rural ou urbana, se é do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste ou Sul, se nasceu e/ou vive em países pobres ou em desenvolvimento); e também por sua relação com a cultura escrita.

(caderno 3, p. 23)

A criança, a cultura escrita e a Educação Infantil

O papel das Instituições de Ensino.

Relações de poder econômico e contato com o escrito.

Desigualdade de acesso nas classes populares.

Estímulos da Educação Infantil

Linguagem desde o nascimento.

O objetivo da Educação Infantil não é a alfabetização!

Acesso através de interações e brincadeiras.

Situações em que as crianças se familiarizem com os signos da escrita alfabética e compreendam os múltiplos papéis da leitura e da escrita nas sociedades contemporâneas.

Exemplos das professoras Larissa, Kelly e Laura, de Recife. (caderno 3, p. 28-35)

Papéis da leitura e escrita:

- Chamadinha;
- Rotina;
- Diário;
- Quadro de comunicação;
- Organização de brinquedos e materiais;
- Agenda.

Oralidade e argumentação:

- Roda de conversa;
- Visita à outras turmas;
- Contar e ouvir histórias;
- Diferentes linguagem para contar histórias;
- Reconto de histórias e fatos ocorridos.

Leitura como parte da rotina:

- Atividades diárias;
- Escolha de bons livros;
- Ler e reler textos já conhecidos;
- Explorar individualmente os materiais;
- Diversificar o gêneros;
- Cantinho da leitura acessível;

- Valorização das culturas escritas das famílias e das comunidades.
Mães e avós contadoras de histórias.
- Leitura e escrita em diferentes contextos
projeto com fotografias que vai virar vídeo.



Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e Inter-relações

A linguagem é a marca do ser humano.

As crianças estabelecem relações e criam sentido para o mundo.

Complexidade de aprender a falar e fazer uso da linguagem.

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência
(BAKHTIN, 1988, p. 108).

Aprender a pensar a própria linguagem é um processo constante.

Exemplos:

- Enfermeira “Varélia”
- “Eu tavo”

Em casa, Leon, com uns três anos, um dia saiu com um *eu tavo*. Expliquei a ele que não era *eu tavo* e, sim, *eu estava*, e que a gente diz *eu tava*, com A e não com O. Leon se afastou e eu comentei com minha sobrinha:

– Não sei de onde ele tirou esse negócio de *eu tavo*...

E ele retorna pra me explicar:

– Porque eu sou menino, ué!

Não sentamos ao lado das crianças e ensinamos a falar.

Exemplo: contribuições das cenas do carro.



O professor deve convencer-se de que uma língua histórica, como o português, não é uma realidade homogênea e unitária. Ela se organiza em várias línguas, de acordo com as variedades regionais, sociais e estilísticas. (BECHARA, 2000)

As duas modalidades de linguagem verbal, a oral e a escrita, convivem na sociedade e se influenciam mutuamente. (GOULART, 2010).

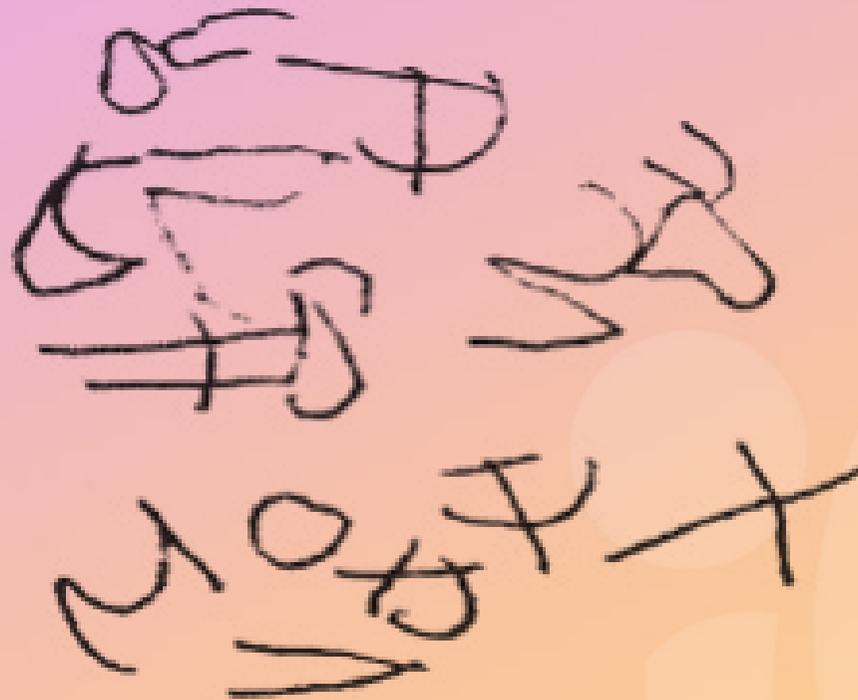
A escrita é como um jogo instigante, por vezes misterioso, e a leitura, uma fonte inesgotável de conhecimento, experiências, emoções (GOULART, 2006).

De acordo com Vygotsky (1998), a escrita tem que apresentar significado, a criança tem que ter contato com a cultura escrita e sua necessidade.

Importância de oferecer textos escritos, não para alfabetizar, mas para compreender seu uso e função social.

As crianças desejam e simulam as práticas de escrita.

- Projeto Arte Naïf
- Bilhete de Pedro, 4 anos, avisando sobre o jantar.



Projetos premiados e publicados pelo MEC em 2005 e 2006

0 a 3 anos

- Interação social de crianças com 3 anos;
- Candido Portinari
- Boi de mamão;
- Água

4 a 6 anos

- Conceitos matemáticos nas brincadeiras;
- Condições de vida no bairro;
- Preconceito e desrespeito à idosos;
- Acidente de carro.

Linguagem oral e linguagem escrita: modos de apropriação.

Influência da mídia e tecnologias da informação e comunicação.

Como ensinar as crianças neste constante processo de mudanças?

Senso comum: as crianças adquirem/ absorvem/ assimilam/apropriam...

Episódio que envolve crianças bem pequenas, entre 14 e 21 meses, em uma creche municipal.
Duração: 02'20".

Oito crianças participam nesse momento: Pedro (19 meses), Tânia (16 meses), Michele (15 meses), Lino (19 meses), Renata (21 meses), Marco (16 meses), Sandro (14 meses), e Lia (17 meses).

A professora está sentada num canto da sala, com as crianças ao seu redor, e mostra a elas um livro de imagens. O livro possui várias abas que, ao serem abertas, transformam um animal em outro.

Leitura
Caderno 3, página 84 – 86.

Na leitura, a professora:

Aponta;

Nomeia;

Relaciona;

Faz de conta;

Orienta;

Faz suspense;

Mostra espanto;

Faz perguntas;

...

Resultado: As crianças participam!

Modos singulares de apropriação

Sala de Educação infantil, crianças de cinco anos de idade: Três crianças encontram-se brincando no canto da casinha. Cai um chapéu de caubói da estante de brinquedos. Uma das meninas pega o chapéu e o coloca na cabeça, dizendo: “Eu sou Bete! Bete Carreira!”

Atribuição de gênero e distinção das brincadeiras de meninas e meninos.

Ouvir e dramatizar histórias

Os “três porquinhos” com diferentes linguagens.

- repetição;
- Influência nas brincadeiras.



Entre riscos e rabiscos, narrativa e desenho tomam forma

Representação gráfica de objetos, movimentos, gestos, ideias...
Precursor da escrita.



Desenho de Anna Carolina

Oralidade e escrita na brincadeira das crianças

Aluna com Down, a maleta médica e a intervenção da professora.

Profa: Oi Isa! O que você quer?

Isa: *Murmura algo, apontando o dedo para a estante.*

Profa: Ah sim! Você quer a maletinha de médico?

Isa: Sim! – fazendo sinal positivo com a cabeça.

A professora pega a maleta e oferece um capacete branco com o símbolo de cruz vermelha.

Profa: Você vai ser a médica, Isa?

Isa: Sim! Fazendo sinal positivo.

Necessidade da agenda de atendimento e da secretária.

A vivência do registro e o registro da vivência

Livro da vida.



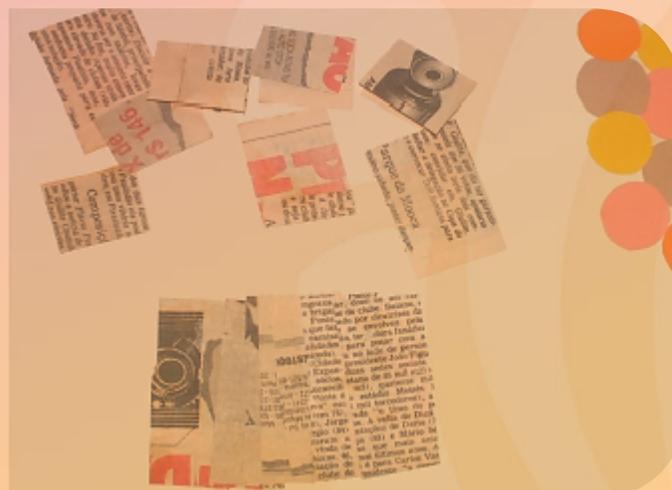
Registro do tempo: Calendário

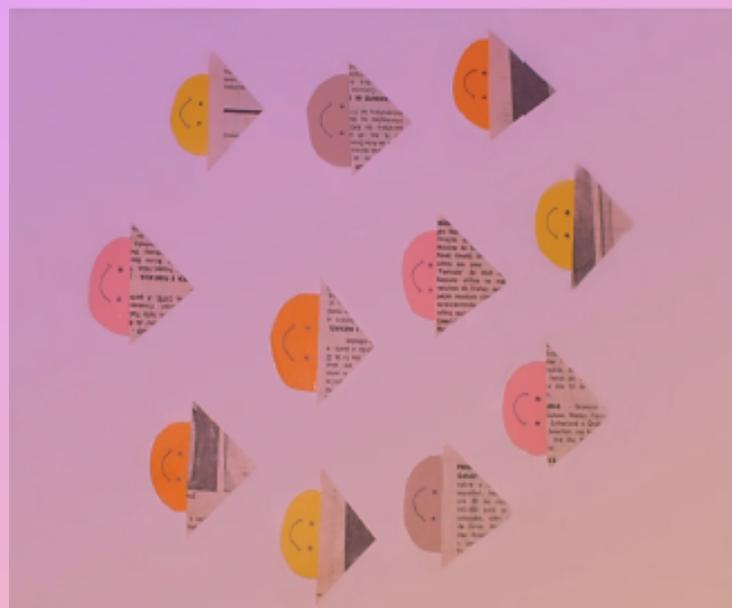
“Brincadeira de Jornal”: participação das crianças na produção literária.

Em outro contexto de Educação Infantil, em um agrupamento multietário de crianças, a professora levou um monte de jornais velhos. O que fazer com eles? Ler, rasgar, recortar, amassar... O que foi vivido com as crianças, além de ser fotografado a cada passo, tornou-se um livro de história, escrito e ilustrado com o grupo de crianças.
(caderno 3, p. 107)

Era uma vez um monte de crianças com vontade de brincar com uma pilha de jornais velhos. Começaram a mexer, a rasgar, a dobrar, até que alguém deu uma ideia:

– Vamos fazer um chapéu de papel?





Todo mundo resolveu fazer um chapéu.

Com o chapéu na cabeça, alguém deu outra ideia:

– Vamos fazer uma espada enrolada?

Todo mundo resolveu fazer uma espada enrolada.

Com o chapéu de papel e a espada enrolada, alguém deu mais uma ideia:

– Vamos fazer uma máscara?



Todo mundo resolveu fazer uma máscara.

Com o chapéu de papel, a espada enrolada e a máscara no rosto, alguém ainda deu mais outra ideia:

– Vamos fazer um escudo e uma capa?



Com o chapéu de papel, a espada enrolada, a máscara no rosto, o escudo e a capa, as crianças viraram soldados e resolveram marchar e cantar.

Depois resolveram brincar de lutar. Viraram super-heróis.



Visitaram um castelo encantado e venceram dragões inimigos



Brincaram tanto, mas tanto, que começaram a se cansar.

A capa começou a rasgar,

o escudo começou a furar,

a máscara começou a suar,

a espada começou a dobrar,

o chapéu começou a desmanchar...

Mas uma brincadeira tão gostosa e tão boa valeu a pena de qualquer maneira.

Vamos inventar outra brincadeira?

“Os episódios aqui apresentados não foram tomados como modelos para serem replicados ou repetidos. Em sua singularidade, eles se tornam exemplares de situações que incitam reflexões e análises, e inspiram novas invenções.”
(caderno 3, p. 112).

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 4. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BATISTA, Antônio Augusto. Os professores são não leitores? In: SILVA, Ceris Salete Ribas; MARINHO, Marildes (Org.). Leituras do professor. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-60.

_____. Antônio Augusto. Professoras de Português, formação superior, matrimônio e leitura: um caso de estudo. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). Sociologia da educação. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-109.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações - Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.4 - 1.ed.- Brasília, 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ser criança na educação infantil: infância e linguagem - Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.2 - 1.ed.- Brasília, 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ser docente na educação Infantil: entre o ensinar e o aprender - Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.1 - 1.ed.- Brasília, 2016.

_____. Prêmio professores do Brasil 2005. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2006b.

_____. Prêmio qualidade na educação infantil 2004. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2005.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 65-95.

GOULART, Cecília M. A. Práticas de letramento na educação infantil: o trabalho pedagógico no contexto da cultura letrada. TEIAS, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan.-dez. 2006.

_____. Cecília M. A. Oralidade e escrita. Revista Educação: Guia da Alfabetização, v. 1, mar. 2010b.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.